

Regina Dalcastagnè
Virgínia Maria Vasconcelos Leal
(organizadoras)

**ESPAÇO E GÊNERO NA
LITERATURA BRASILEIRA
CONTEMPORÂNEA**

1ª edição

Porto Alegre

2015

ZOUK
editora

Sumário

- Apresentação** 9
Regina Dalcastagnè e Virgínia Maria Vasconcelos
Leal
- Mobilidades culturais,
geografias afetivas: espaço
urbano e gênero na literatura contemporânea** 15
Sandra Regina Goulart Almeida
- Mulheres negras e espaço
urbano na narrativa brasileira contemporânea** 41
Regina Dalcastagnè
- A voz e a letra da mulher
na literatura marginal periférica:
figurações e reconfigurações do eu** 57
Lucía Tennina
- Memória e cidade na narrativa
brasileira contemporânea de autoria feminina** 85
Adelaide Calhman de Miranda
- De trajetórias e conflitos: lesbofobia
e espaço em contos de autoria feminina** 117
Virgínia Maria Vasconcelos Leal
- Lugares heterotópicos e a constituição de
corpos fronteiriços e identidades transitórias
na narrativa de autoras contemporâneas** 133
Izabel F. O. Brandão

Entre muros e abrigos: o lugar de corpos femininos no romance contemporâneo	153
Edma Cristina Alencar de Góis	
Começar de novo: a escrita feminina na zona do afeto	185
Tânia Regina Oliveira Ramos	
Espaços (des)interditados: o lugar da mulher na narrativa de autoria feminina paranaense contemporânea	197
Lúcia Osana Zolin	
Espaços e heranças na obra de Adriana Lunardi	219
Maria Graciete Besse	
O espaço urbano, identificações e reconstruções subjetivas em <i>Azul-corvo</i>, de Adriana Lisboa	239
Liane Schneider	
Feminismos descoloniais e a construção de “saberes próprios” nas zonas de contato/tradução	257
Claudia Junqueira de Lima Costa	

Apresentação

Cada vez mais, o espaço tem se tornado categoria fundamental para a compreensão do mundo e dos processos contemporâneos de formação das identidades. Não é diferente na configuração do campo literário e em sua análise. Nas narrativas brasileiras, onde podem ser percebidos deslocamentos, disputas e apaziguamentos de identidades tradicionalmente colocadas em seus “devidos lugares” e que, agora, não mais se acomodam, como é o caso das mulheres, a atenção ao espaço é crucial. “Mulheres” entendidas, é claro, como um grupo heterogêneo e complexo, formado por identidades múltiplas e contraditórias, que não se esgotam no sexo biológico ou no gênero, mas que, em grande medida, partilham pressões e expectativas impostas por uma sociedade que continua marcada pela dominação masculina.

Assim, todos os artigos que compõem este volume tratam de escritoras que problematizam a questão do espaço e do gênero. Não por coincidência, o livro reúne trabalhos de pesquisadoras envolvidas com as discussões sobre as identidades de gênero, mas com uma preocupação transversal, levando em conta sua intersecção com a classe social, a etnia, a nacionalidade, a orientação sexual, entre outras. E todas enfatizam a importância do local de fala. Afinal, saber quem constrói representações alternativas às visões dominantes e estereotipadas é questão central, tanto na esfera da produção literária quanto de sua crítica.

Sandra Regina Goulart de Almeida abre o livro com uma discussão sobre as novas formas de mobilidades – geopolíticas, virtuais ou culturais –, apontando a economia afetiva como projeto estético e ético nos contos “Mary Benedita”, de Conceição Evaristo, e “Mundos paralelos”, de Paloma Vidal. Para a autora, os espaços de trânsito e os espaços do afeto criam uma outra ética do narrar, que merece ser investigada. Também analisando Conceição Evaristo, desta vez o romance *Becos da memória*, ao lado das obras *Diário de Bi-*

tita e Quarto de despejo, de Carolina Maria de Jesus, Regina Dalcastagnè discute a incursão de mulheres negras e pobres pelo espaço urbano. A cidade, nesses livros, não é entendida apenas como paisagem ou retrato, mas como elemento de subjetivação e espaço de empoderamento, que se efetivam a partir da própria escrita. Já Lucía Tennina volta a abordar a autorrepresentação de mulheres negras, mas sob a perspectiva da “literatura marginal periférica” de São Paulo. Seu artigo examina a obra de Elizandra Souza, Raquel Almeida e Dinha, que articulam, em seus poemas, o “eu” testemunhal e o “eu” particular, problematizando as operações de ressignificação da produção dessas mulheres em um nicho predominantemente masculino – a literatura de periferia – e que causam tensões específicas no campo literário brasileiro.

Ainda questionando o espaço urbano, Adelaide Calhman de Miranda enfrenta a relação entre memória e cidade, entendendo-as como elementos centrais para a compreensão de personagens femininas em trânsito em quatro romances contemporâneos. Para a autora, as protagonistas de Daniela Versiani (*A matemática da formiga*), Conceição Evaristo (*Ponciá Vicêncio*), Elvira Vigna (*Coisas que os homens não entendem*) e Adriana Lisboa (*Rakushisha*), ao se deslocarem, acionam o processo de esquecimento, ao mesmo tempo em que relembram fatos importantes para sua construção identitária. Da mesma forma, deslocamentos e trajetórias são acentuados no artigo de Virgínia Maria Vasconcelos Leal, que coloca em diálogo a formação de identidades e os espaços percorridos. Destacando a questão da homofobia na cidade, ela observa a sobreposição de preconceitos de gênero, classe social e de raça. Ao analisar contos de Conceição Evaristo, Lúcia Facco e Ana Paula El-Jaick, publicados por editoras periféricas no campo literário, a autora discute a lesbofobia como violência sistemática e potencial no encontro conflituoso de “histórias-até-agora”, nas palavras da geógrafa Doreen Massey.

Os corpos como lugares de fronteira e de resistência a pretensas “normalidades” são trabalhados por Izabel F. O. Brandão, especialmente nas narrativas de Tatiana Salem

Levy e Heloísa Seixas. Utilizando-se do conceito de heterotopia de Michel Foucault, a autora aborda a estrutura fragmentária de *A chave de casa* e *Pérolas absolutas*, com foco em cenas específicas, nas quais as protagonistas vivenciam, a partir de seus corpos, encontros com outros seres fronteiriços, encaminhando-se para outras possibilidades identitárias e afetivas. Os corpos femininos são tratados com destaque também no artigo de Edma Cristina de Góis, onde são estudadas narrativas em primeira pessoa de autoria feminina: mais uma vez *A chave de casa*, de Tatiana Salem Levy, além de *Nada a dizer*, de Elvira Vigna, e *Solo feminino*, de Lúcia Garcia-Roza. A sua abordagem tece relações entre os corpos das personagens e as suas casas, marcadas como lugares tanto de disciplinamento como de potenciais rupturas com modelos patriarcais. Ao acentuar as características e peculiaridades de cada narrativa, o artigo estabelece contatos entre as representações literárias e as obras de três artistas visuais, Ana Vieira, Brígida Baltar e Elida Tessler. Como as escritoras e as suas protagonistas, as instalações e fotografias encenam questionamentos acerca do corpo, da casa e do espaço em suas performances de gênero.

As relações afetivas e seus balanços são as preocupações centrais do artigo de Tânia Regina Oliveira Ramos. A autora lança um olhar sobre a ficcionalização dos afetos e dos desafetos, em especial, nas narrativas de Elvira Vigna e Ivana Arruda Leite. Busca, ali, uma nova discussão para a representação das relações afetivas, com a necessária reelaboração do tema clássico do amor, e aproximações à autotificação. Já Lúcia Osana Zolin propõe-se, a partir de um levantamento estatístico, discutir os espaços ocupados por personagens criadas pelas escritoras paranaenses em romances, crônicas e contos publicados entre os anos de 1990 e 2012. Em relação às crônicas, a autora observa a manutenção das personagens femininas no espaço doméstico, ainda nos moldes patriarcais, sempre focadas nas relações amorosas e familiares. Já nos contos, o universo doméstico aparece, mas como espaço de inquietação e desconstrução nos próprios limites das narrativas, em especial nas obras de Luci

Collin. Sobre o romance, o artigo ressalta uma maior ocupação das mulheres no espaço público, em profissões diferenciadas, além do questionamento do espaço doméstico, que se apresenta como um local de enfrentamentos e demandas feministas.

Maria Graciete Besse, por sua vez, discute a obra de Adriana Lunardi, articulando sua escrita com a problematização da herança literária e familiar, a partir dos livros *Vésperas*, *Corpo estranho* e *A vendedora de fósforos*. Destaca-se a forma pela qual essas narrativas tecem, de forma singular, uma espécie de elogio à literatura, em sua reavaliação ética e afetiva das memórias, espectros e fragmentos especulares, valorizando a errância dos corpos e das famílias representadas. Os deslocamentos como possibilidades de identificação e de desconstrução identitária são trabalhados, ainda, por Liane Schneider, em seu artigo sobre *Azul-corvo*, de Adriana Lisboa. Ao discutir as teorias de espaço, tanto na literatura quanto na geografia, a autora centra-se no percurso da narradora pelos espaços urbanos, desenvolvendo arranjos afetivos surpreendentes e reconstruindo-se a si mesma, por meio dos novos laços que valorizam mais o espaço interno que, necessariamente, as cidades percorridas.

Fechando o livro, o artigo de Claudia de Lima Costa não privilegia narrativas em especial, mas aponta novas cartografias do conhecimento baseadas em uma geo/corpolítica que possa deslocar as bases da racionalidade ocidental, as perspectivas eurocêtricas e os binarismos, incluindo as fronteiras entre o humano e o não-humano. A autora enfatiza as teorias descoloniais e os feminismos materiais, ou seja, aqueles que desafiam o privilégio da linguagem e do discurso como único acesso ao mundo. A partir de sua experiência com mulheres do Movimento dos Sem Teto de Florianópolis, a pesquisadora traz o desafio de desaprendermos nossos privilégios como sujeitos teóricos com um local de fala poderoso, abrindo-nos à escuta das outras e dos outros, e apostando nas possibilidades de interferência nas estruturas de desigualdade a partir de nossas práticas.

Mesmo com diferentes aproximações críticas e teóricas, os textos aqui reunidos tem pontos importantes em comum, além dos já citados. Ao percorrê-los percebe-se uma preocupação compartilhada com a expressão do corpo. Corpo como referencial, identidade cultural, como lugar de dominação ou de insubmissão, como espaço existencial, como casa, como local político, de saberes e de afetos. Sim, os olhares sobre os afetos aparecem dispersos em todos os artigos, seja nas análises das relações afetivas, seja na sua abordagem como desencadeadores de memórias, seja como espaço possível de existência e resistência. Não se trata, é claro, de assinalar que a esfera de interesse das mulheres seria, fundamentalmente, o âmbito doméstico e as relações amorosas (apesar deste estereótipo ainda ecoar em muitas obras literárias). Os artigos, de um modo geral, se debruçam sobre o modo como as escritoras estão repensando a importância do corpo em trânsito pelos diversos espaços em um processo de reconstrução subjetiva e afetiva. Junto a isso, como não poderia deixar de ser, propõem uma ressignificação do conceito de espaço, a partir de perspectivas feministas e multidisciplinares.

Este livro está vinculado ao projeto de pesquisa “Mulheres e espaço urbano: gênero, raça e classe na literatura brasileira contemporânea” (financiado pelo Conselho Nacional de Desenvolvimento Científico e Tecnológico – Chamada MCTI/CNPq/SPM-PR/MDA Nº 32/2012).

Regina Dalcastagnè e Virgínia Maria Vasconcelos Leal